

Os Bárbaros: a diferença em Orósio e Hidácio de Chaves

Rute Isabel Rodrigues Russo

up201404759@letras.up.pt

Resumo

Este trabalho abordará os estereótipos que se formaram sobre os povos bárbaros, aquando da sua entrada na Península Ibérica no século V d.C.. As fontes são dois textos da literatura cronística do século V. O objectivo é intuir a forma como a diferença era entendida na sociedade tardo-imperial da Península Ibérica do século V, através das pistas e sugestões que os autores deixam.

Palavras-chave: Hidácio de Chaves, Orósio, crónicas, bárbaros, estereótipos, diferença.

Abstract

This paper will try to analyse the stereotypes that were created about the barbarians at the time of their entrance in the Iberian Peninsula in the fifth century. The sources are two texts of the fifth century chronistical literature. The aim is to understand by the tracks and suggestions these authors leave, the way the difference was perceived then.

Keywords: Hydatius, Orosius, chronicles, barbarians, stereotypes, difference.

Abreviaturas:

| | |
|---|-----|
| Agostinho de Hipona | AH |
| Civitate Dei | CD |
| Crónica de Idácio | CI |
| Hidácio de Chaves ¹ | HC |
| Historiae Adversus Paganos ² | HAP |

¹ Apesar da edição de Cardoso (1995) usar a designação “Idácio”, optei por usar a convenção portuguesa “Hidácio” que se aproxima mais do original latino “Hydatius.”

² Este é o título latino das “Histórias Contra os Pagãos”. Dado a variedade de designações que a obra tem (inclusive na mesma língua) optei pelo título latino como a base para a abreviatura por uma questão de uniformidade.

Orósio³

PO

Introdução:

As fontes inserem-se na literatura cronística cristã, sendo escritas originalmente em latim. Os autores são Hidácio de Chaves e Orósio. As edições usadas serão: para Hidácio de Chaves a edição em português traduzida por José Cardoso⁴ e para Orósio usarei quer a edição crítica, com tradução, introdução e anotações de Paulo Farmhouse Alberto e Rodrigo Furtado⁵, quer a tradução portuguesa de José Cardoso, com introdução de Lúcio Craveiro da Silva.⁶ A não ser que se mencione expressamente, todas as datas são d.C.

Os autores são clérigos da província romana da Galécia e contemporâneos aos factos que descrevem. A CI é uma crónica analística que descreve a invasão da Península pelos suevos, vândalos e alanos em 409 (Idácio, 1995). Num estilo lacónico, listando factos e datas, mostra-nos de forma negativa o que o autor pensa simbolizar o fim do mundo: a chegada dos bárbaros. O seu público-alvo é mais abrangente que o da HAP. É dirigido tanto à elite culta (por ser uma obra de cariz histórico) como à posteridade, porque HC procura deixar o registo dos eventos que presenciou e relatou.

A HAP é mais “neutral” por assim dizer (no tocante aos bárbaros), sendo uma história cristã do mundo, de cunho apologético, que procura rebater as acusações pagãs dirigidas ao cristianismo aquando do saque de Roma de 410. O seu público-alvo comporta quer os pagãos críticos do cristianismo, quer os cristãos angustiados com a situação então vivida. (Alberto; Furtado, 2000)

Os objectivos das duas obras são distintos. A CI descreve os eventos desde 379 até 469, onde pára, depreendendo-se que HC morreu. HC terá começado a escrever a CI em 427. Não há na CI⁷ a procura de grande elegância ou de uma descrição pormenorizada dos factos. (Idácio, 1995) Apenas tão só relatar o que HC viu e do que

³ O “P” que aparece na abreviatura não se deve entender como designando Orósio como Paulo Orósio mas sim “Presbyter Orosius”. A confusão que se instalou durante séculos sobre o nome de Orósio ter-se-á devido a uma má interpretação do P de “presbyter” por “Paulo”. Cf. (ALBERTO; FURTADO, 2000,p.9)

⁴ IDÁCIO, Bispo de Chaves - *Crónica de Idácio: descrição da invasão e conquista na Península Ibérica pelos suevos (séc. V)*. Tradução e anotações por José Cardoso. 2ª ed. Braga: Livraria Minho, 1995. ISBN: 972-96199-1-3.

⁵ ORÓSIO – *História apologética: (o livro 7 das histórias contra pagãos e outros excertos)*. Introd. e trad. de Paulo Farhmouse Alberto; Introd. e notas de Rodrigo Furtado. Lisboa: Colibri, 2000. (Obras clássicas da literatura portuguesa). ISBN 972-772-131-1.

⁶ ORÓSIO, Paulo - *História contra os pagãos*. Introd. de Lúcio Craveiro da Silva; Trad. de José Cardoso. Braga: Universidade do Minho, 1986.

⁷ Para uma análise conceptual à diferença entre os estilos de “crónica”, “anais” e história classicizante ver BURGESS, R.W.; KULIKOWSKI, MICHAEL – *The History and origins of the latin chronicle tradition. The medieval chronicle*. Amsterdam. ISBN 904202674X. 6 (2009) 153:177.

teve conhecimento, dentro da mundividência romano-cêntrica e providencialista do autor. Na HAP o estilo pauta-se pela elegância, pela erudição e pelo uso de moldes clássicos. Nela PO revela uma visão providencialista da história, começando a sua história na Criação até chegar ao preciso momento em que PO escreve, em 416-417. Segundo Alberto e Furtado (2000, p.20) o tom que PO adopta na HAP é polémico e por vezes agressivo. Defendem que PO procura provar uma tese, mais do que propriamente coligir factos ou escrever uma obra teológica. As duas ideias que emergem na HAP são: o providencialismo na história; Roma assumindo um papel crucial no plano divino do mundo. Apesar de tradicionalmente se apontar que a HAP é uma continuação do CD, os autores discordam que a influência de AH seja grande na obra. Ela existe, mas assenta sobretudo num fundo comum de concepções histórico-teológicas cristãs deste período, sendo mais limitada do que se afirma por vezes. (Alberto; Furtado, 2000) Neufellen⁸ afirma que as diferenças entre PO e AH se dão sobretudo na questão da Igreja e do seu papel e não na questão do império romano.

A era de estudo do artigo será o século V.d.C. e a área será a Península Ibérica.

Quanto à bibliografia procurei quer bibliografia geral, quer específica, para assim entender os estereótipos sobre estes povos; os factos políticos, sociais e económicos da era analisada; o contexto e as principais linhas de força da era. O interesse pela historiografia da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média está a renascer, devido em parte a um interesse na sua vertente literária.⁹ No que concerne aos povos bárbaros destaca-se a renovação historiográfica de Bruno Dumézil¹⁰, que numa obra colossal aborda os bárbaros sobre vários aspectos, como sejam, a evolução do conceito de *bárbaro* desde a Grécia antiga até ao século XXI, passando pela definição deste conceito em outras culturas como o Islão, no que é um contributo importante para uma temática que bastas vezes é circunscrita historiograficamente ao mundo ocidental antigo, esquecendo por vezes que todos os povos tiveram o seu 'outro', o seu 'bárbaro' em variados momentos da sua história.

1. Ponto Prévio:

⁸ NEUFELLEN, Peter Van – *Orosius and the rhetoric of history*. Oxford: Oxford University Press, 2015.p.23-24. ISBN 978-0198745013.

⁹ CAMERON, Averil - *Christian Conversion in Late Antiquity: Some Issues*. In CONSTANTINO, Arietta; MCLYNN, Neil; SCHWARTZ, Daniel - *Conversion in Late Antiquity: Christianity, Islam, and Beyond*. Farnham: Ashgate, [s.d.], p.1-30.

¹⁰ DUMÉZIL, Bruno (dir.) – *Les Barbares*. Paris: Puf, 2016. ISBN 978-2-13-074985-1.

O vocábulo bárbaro origina-se no grego *Barbaroi*, pois os gregos diziam que as outras línguas lhes pareciam uma algaraviada tipo *Bar Bar*.¹¹ Em Homero existe a noção de um linguajar difícil mas não uma oposição entre *barbaridade* e *helenismo* propriamente. O vocábulo só surge na literatura grega do século VI a.C. e só no V a.C. se torna corrente.¹² Irá alterar-se semanticamente para designar, para os greco-romanos, o 'outro', tido como selvagem. No século XVIII surge a palavra *vandalismo*, derivada do povo vândalo, para simbolizar a destruição gratuita.

2. As fontes literárias sobre os Bárbaros: as imagens, as descrições, os estereótipos:

2.1 Hidácio de Chaves:

A CI é marcadamente hostil aos bárbaros. A cronística é por norma uma arma do poder ou dos vencedores, tendendo a glorificar quem encomenda a obra. HC é 'romano-cêntrico', partindo da visão que a norma correcta é ser romano e católico. Tudo o que escape a essa lógica ele condena. É nesta condição que escreve a sua CI, algo que o historiador deve ter em linha de conta, para saber filtrar. Tal não significa vontade de mentir, mas sim o de transmitir uma ideia.

HC começa a vida pública em 430. Observa o colapso do império que lhe parece já plausível, senão mesmo inevitável. Se morre em 469, estará a apenas 7 anos do colapso final do império. HC envelhece vendo os estertores do império. Daí a sua tristeza e amargura, que perpassa na sua escrita, pese embora o seu estilo conciso que por norma não se presta a grandes considerações morais. A forma como descreve os bárbaros mostra essa perplexidade pelo desabar do seu 'mundo', que é Roma. Se Roma está a cair, para HC o fim do mundo está para breve. (Idácio, 1995)

Daí as referências apocalípticas na sua obra, que HC usa como técnicas literárias poderosas, usando lugares-comuns bíblicos como as quatro pragas (peste, fome, ferro e guerras) e as profecias do Antigo Testamento, para criar comoção no leitor. HC quer transmitir o horror que sentia ao ver as invasões e o caos por elas gerados e com isso convencer o leitor da sua visão. Outras técnicas que HC usa de forma vincada são: o maravilhoso, o providencialismo, a hipérbole e a analogia. (Idácio, 1995)

HD escreve os bárbaros negativamente, apenas elogiando pontualmente quando algum se mostra misericordioso com Roma ou a ela se alia. Um exemplo:

¹¹ DUMÉZIL, Bruno; COUMERT, Magali – *Les royaumes barbares en Occident*. Paris: Puf, 2014. ISBN 213062734X.

¹² LEROUGE-COHEN, Charlotte In DUMÉZIL, Bruno– *Les barbares...*p.1.

“duma época (em tudo) digna de lástima...descrevemos os valores que irão ruir no extremo da terra habitada...uma situação deplorável do clero, em consequência de irregularidades, com a supressão de uma liberdade honrosa e do declínio quase completo da religião na vida cristã, mercê da subversão (da escala de valores ocasionada) pelas populações em fúria misturadas a povos sem lei” (Idácio, 1995, p.4).

Ou quando diz “Os godos são gente educada na fraude e no perjúrio” (Idácio, 1995, p.38). E lhes imputa a reintrodução das heresias “De uma região habitada pelos godos, foi transportado este veneno pestífero do inimigo do homem (Idácio, 1995,p.45).

Uma leitura atenta da CI revela pormenores importantes para entender a época descrita, como as “virgens consagradas a Deus” (Idácio, 1995, p.36). É uma referência intrigante. Será um monacato feminino com uma regra própria? Estes pormenores tornam a CI uma excelente fonte para a situação então vivida, não obstante o seu estilo conciso não permitir grandes dissertações sobre as causas dos eventos descritos. Contudo, descreve factos fundamentais sendo, por exemplo, o único autor a referir a partilha da Península Ibérica pelos bárbaros em 411. (Idácio, 1995, p.13)

Outras interrogações que podemos colocar a partir da CI. A referência a várias basílicas durante o saque de Braga significa uma grande adesão religiosa ao cristianismo já no século V? As referências constantes a Eulália, a mártir cristã primitiva, sugere a importância do culto aos mártires primitivos na era? Refere, num pormenor revelador da importância do culto a esta mártir, que Teodorico ficara “aterrado” com os prodígios de Eulália, quando procurava conquistar Mérida. (Idácio, 1995, p.37) Um dos grandes temas de debate historiográficos sobre este período prende-se com o grau de cristianização da Península Ibérica. Nestes detalhes que HC deixa, pode-se tentar intuir algumas respostas para esta questão.

Em HC, além do maravilhoso, o providencialismo é também uma técnica literária para explicar quer os acontecimentos, quer para veicular a sua mensagem. Hermigário troça de Eulália e afoga-se (Idácio,1995 p.20). Ninguém resiste ao poder de Deus, é a ideia sugerida. Esta técnica é um *cliché* nos autores cristãos, advindo do providencialismo cristão, onde Deus rege todo o mundo. A hipérbole é usada quando tenta descrever algumas das atrocidades, descrevendo um quadro apocalíptico de ruptura social total.

As referências que HC faz ao papel mediador da Igreja nas negociações de paz é um sinal do crescente protagonismo político desta? (Idácio, 1995, p.22) HC exalta o seu papel, no que se depreende ser mais um sinal que esta emerge como a única força agregadora num contexto de desmembramento total. Outro aspecto importante são as suas referências a processos religiosos e fiscais. HC descreve como a Igreja ordena processos contra os núcleos heréticos. Uma questão se levanta? Se todo o poder ruína,

como é que a Igreja ordenava processos a partir de Roma, comunicando-se com as dioceses? Sinal da sua força organizacional? Também de algum exagero de HC quando nos descreve um cenário de total colapso da ordem? A referência ao tirânico cobrador de impostos, que mesmo no meio do saque e caos não ‘perdoa’, pode ter o seu quê de humorístico para quem lê, mas o leitor atento deve-se interrogar: um poder que cobra impostos, só o pode fazer se mantiver de facto estruturas administrativas. A destruição seria assim tão grande como a CI descreve? HC não recorreria às hipérboles para transmitir sobretudo uma ideia, não tanto os factos exactos? Um exemplo é a descrição do canibalismo quando diz que após uma “fome medonha”, as mães devoram os filhos (Idácio, 1995,p.13). Um pormenor destes causa no leitor uma impressão de horror, que exemplifica mais a destruição do que o mero listar de cidades conquistadas, num estilo que se torna impessoal e por vezes enfadonho. HC tem por vezes erros de datação, como na execução de Prisciliano, que coloca em 387, quando foi em 385.¹³

Os estereótipos dos bárbaros na CI são: ímpios, imorais, heréticos, irracionais, selvagens, traiçoeiros. (Idácio, 1995)

Tanto HC como PO usam as técnicas e *clichés* literários da historiografia cristã: sinais apocalípticos pela constante alusão a catástrofes, a fenómenos meteorológicos, às quatro pragas bíblicas, tudo isto visto como os sinais do fim dos tempos que virão. HC, assim como PO, colocam Deus como punindo quem O ofende e apoiando quem O adora. As vitórias romanas ou as derrotas perante os bárbaros, tudo se atribui a Deus, numa visão linear da história, situando os dois autores na linha do providencialismo cristão tardo-antigo. Tome-se como exemplo a descrição de HC da vitória sobre Átila nos Campos Cataláunicos em 451. Por este acontecimento, HC mostra-nos a Península como um microcosmos do império. Com a entrada de Teodorico em 456, HC muda de registo, detalhando mais a partir daí. (Idácio, 1995)

Na CI reina o pessimismo. HC não considera os bárbaros civilizáveis, defendendo contudo a sua fixação através do *foedus*, porque podiam servir o império. Há um relato mais positivo quando menciona a misericórdia de Alarico para com os crentes romanos, aquando do saque de Roma de 410. Quando refere que os suevos pilham outros suevos, quer-nos sugerir gente sem honra, que até pilham os próprios. O estilo conciso não nos providencia uma causa para a entrada destes povos, impedindo uma abordagem causal dos factos, acabando por, de certo modo, nos sugerir que os actos se devem à sua natureza selvagem. Nisto difere de PO.

As heresias, que segundo HC, se reintroduzem na Península após a invasão de 409, são mais um motivo de agastamento de HC contra os bárbaros. Após o Concílio

¹³ GOMES, J. Pinharanda - *A patrologia lusitana*. Lisboa: Guimarães Editora, 2000. p.166-167. ISBN 972-665-441-6.

de Niceia a entrada de povos não-católicos é vista como uma ameaça, o que acicata ainda mais HC em relação aos bárbaros. A indefinição da Igreja com mudanças sistemáticas na querela trinitária, o cariz recente de Niceia, assim como a própria natureza das questões cristológicas, que se prestavam, pela sua difícil inteligibilidade e complexidade à confusão, criavam uma situação de difícil coerência teológica, com múltiplas interpretações sobre a doutrina, assim como uma linha cinzenta em definir o que era propriamente heresia (Gomes, 2000). HC vive numa era de heresias e indefinição teológica¹⁴, o que pode acentuar a sua angústia perante a incerteza religiosa que a Cristandade vive com o avanço dos bárbaros, que são pagãos ou arianos.

2.2 Orósio:

PO exila-se no norte de África entre 410-414, devido à invasão de 409. Aí encontra AH, a quem procurava para se aconselhar contra as heresias. Será o seu primeiro grande discípulo e a sua influência é visível em PO, que será uma figura de grande envergadura no futuro cristianismo. Em 415, é um dos protagonistas no processo contra Pelágio (Orósio, 1986).

A HAP foi das obras mais populares e marcantes da Idade Média. A sua estrutura e concepção teológica diferem de HC. Composta de sete livros, nela PO afirma uma visão 'cristo-cêntrica' do mundo. Na HAP nota-se o optimismo, por contraponto ao pessimismo de HC. A HAP assenta numa visão linear e progressista da história, crendo que a evolução aponta no sentido positivo do futuro. Segundo Alberto e Furtado (2000) PO divide a história em três momentos: o primeiro, que vai da Criação até à fundação de Roma; o segundo que vai da fundação de Roma até ao nascimento de Cristo; o terceiro vai do nascimento de Cristo, até ao momento em que o autor escreve. O primeiro momento corresponde ao livro 1. O segundo corresponde aos livros 2 a 6. O terceiro corresponde ao livro 7. Segundo Alberto e Furtado (2000), PO concebe a história numa lógica escatológica milenarista, assente na teoria dos quatro impérios, o babilónio, macedónio, cartaginês e romano, ao passo que AH possui uma visão teleológica da história. PO defende um Deus que intervém de imediato na história, punindo ou agraciando. AH defende uma perspectiva de salvação pessoal, com a punição ou a bênção de Deus a virem após a morte.

Na HAP, os impérios surgem e morrem por culpa própria, num padrão histórico com linhas de fundo universais que regem a história. (Alberto; Furtado, 2000). É a filiação de PO no universalismo cristão, que proclama a igualdade de todos os homens em Cristo. Um exemplo é a refutação da acusação pagã que os cristãos teriam proibido certos prazeres imorais. Antes da Revelação podia-se pecar, mas depois já não se teria

¹⁴ PRICE, B. B. - *Introdução ao pensamento medieval*. Porto: Asa, 1996. ISBN 972-41-1783-9.

desculpa, com PO acrescentando que qualquer “espírito justo” proibiria esses prazeres imorais. (Orósio, 1986, p.59). Esta noção de espírito justo remete-nos para uma típica noção cristã de valores universais como em S. Paulo “Porque, quando os gentios, que não têm lei, cumprem naturalmente os preceitos da lei, não tendo eles a lei, a si mesmo servem de lei”¹⁵. Isto também advém da filosofia helenística, onde se discute a universalidade humana, como refere Crates:

“Não tenho por pátria apenas uma torre nem um só telhado.

A terra inteira me serve de cidade e de casa,

disponível a todos os que queiram nela viver.”¹⁶

O período helenístico é pautado por discussões filosóficas à volta da universalidade humana, com o helenismo funcionando como uma união de todos no império de Alexandre, com uma *koiné* de várias raças, no período imediatamente antes do império romano e do cristianismo (Ferreira, 1992). Por aqui se vê a formação erudita de PO. Conhece bem as fontes, facto que revela em detalhes.

As técnicas literárias que PO usa são: o maravilhoso, a ironia, a hipérbole, a analogia e a metáfora. As suas fontes são os autores clássicos, nomeadamente pagãos. Benoit Lacroix¹⁷ defende que PO usa deliberadamente os autores pagãos da era clássica, assim como o estilo clássico de escrita, evitando um estilo mais abertamente cristão, para derrotar os pensadores pagãos no seu próprio ‘jogo’. Devido a isso PO evita citar abundantemente as Escrituras, preferindo sobretudo os autores clássicos. (Lacroix, 1965)

Assim Lacroix (1965) estabelece os pagãos como o público-alvo da obra. Neufellen (2015) afirma que é a elite cultural pagã o público-alvo da HAP. Aponta também que, além da apologética cristã, temas como a miséria humana, quer a física, quer a colectiva, estão também presentes na HAP. (Lacroix, 1965)

PO usa o contraste de fontes, procurando tanto quanto o possível o equilíbrio e a imparcialidade no tocante à história romana. Tal vê-se em descrições como as de Marco Aurélio, imperador pagão, que perseguiu os cristãos, mas ao qual é favorável. Apesar do tom apologético cristão da obra, PO não tenta demonizar todo o passado pagão. Tão pouco descreve os bárbaros em tons apenas negativos, quando por exemplo são pagãos ou arianos, ou os romantiza quando são católicos. Vê-os como humanos, capazes do melhor e do pior, sugerindo que serão salvos pela sua cristianização.

¹⁵ Ro 2, 14.

¹⁶ FERREIRA, José Ribeiro - *A Grécia antiga: sociedade política*. Lisboa: Edições 70, 1992. p.237. ISBN 972-44-0869-8.

¹⁷ LACROIX, Benoit – *Orose et ses idées*. Paris/Montréal: Institut d'etudes medievales; Librairie Philosophique J. Vrin, 1965. p.47-48.

Entende a cristianização como a bitola moral que guiará o mundo para um futuro melhor. PO crê que mais tarde ou mais cedo os bárbaros e os romanos serão irmãos pela fé em Cristo.

Uma das técnicas de PO é a ironia, subtil, mas corrosiva, com que refuta as acusações contra os cristãos. Outra técnica é colocar dados pouco edificantes nas personagens da Antiguidade, como Alexandre por exemplo. Sugere-nos que a Antiguidade esteve longe de ser ideal, para contrapor ao 'saudosismo' que grassava em Roma pela sua era dourada. Mostra-nos essa era dourada como uma era de vícios, tais como a violação, o homicídio, a impiedade, além de derrotas humilhantes para Roma. (Alberto; Furtado, 2000) Escreve no rescaldo do saque de 410, para defender os cristãos das acusações pagãs, na linha do CD cujo propósito é o mesmo. Segundo Gomes (2000) AH incumbe-o de escrever uma continuação do CD.

Listando os factos negativos da Antiguidade, PO ironiza se devemos esquecerlos, como os pagãos querem, ao mesmo tempo que acusam os cristãos de todos os males. Depois compara Babilónia e Roma. Aponta como ambas nasceram e se tornaram impérios. Contudo, a Babilónia decaiu pela impiedade, mas Roma subsiste devido à conversão cristã (Orósio, 1986, p.92). Por aqui, PO quer mostrar o poder de Deus e como Cristo é o salvador do império, não o destruidor. O autor descreve negativamente a criação de Roma, criticando o rapto das Sabinas e o parricídio de Rómulo (Orósio, 1986, p.93). Aqui PO mostra um traço 'original' e importante na sua concepção. Ao contrário de boa parte dos escritores antigos, de alguns escritores cristãos e de futuros escritores medievais, PO não é especialmente 'pró-romano'. Não se vê nele uma glorificação de uma lógica imperial, que assentou (como sugere de forma subtil) na destruição e no infortúnio de povos inteiros. Estas críticas a Roma e ao seu passado mostram um distanciamento às glórias imperiais. Isto explica em parte a sua visão mais simpática sobre os bárbaros.

PO não é anti-romano. Não critica nem põe em causa a legitimidade imperial nos territórios do império e censura todas as usurpações bárbaras que aí se processam. Contudo, não partilha da imagem gloriosa que as gerações passadas construíram de Roma. Recorda o sofrimento que Roma infligiu no passado aos povos que conquistou, descrevendo, não raras vezes, sublevações anti-romanas em que mostra a crueldade romana com os vencidos. PO com isto sugere que assim como Roma é então acossada pelos bárbaros, outrora acossou povos inteiros. Os romanos sofrem hoje o que fizeram outrora aos outros povos. Contudo, PO não critica em si a existência do imperador, do império ou da antiga República senatorial. Tão pouco apela ao derrube do poder estabelecido. Mas não se cinge ao império, nem vê Roma como o único horizonte inultrapassável, sem o qual a Igreja não triunfará. Difere aí de HC, que liga muito mais

o triunfo de Cristo ao triunfo da romanidade. Depreende-se, por uma leitura atenta das sugestões que PO deixa, que este não se revê necessariamente na conquista imperial que Roma fez. É de certo modo indiferente ao império militar. É romano por cultura, por nacionalidade mas não entende a romanidade como estando acima de Cristo. Para PO todos são irmãos em Cristo, e isso importa muito mais que a preservação do império. O que importa a PO é o triunfo final do cristianismo, que pode ou não vir com o império romano. Desliga-se de certo modo da existência do império, pressentindo já que possa cair. Mas crê que Cristo triunfará, com ou sem império existente. PO insere-se na romanidade cultural e na sua mundividência mas ao desligar-se da apologia imperial de Roma e ao mostrar empatia com os povos por ela conquistado, exhibe aspectos originais no seu pensamento. Esta capacidade de PO se colocar no lugar dos povos ocupados por Roma destoa da maioria dos autores do seu tempo e da Antiguidade. Veja-se este trecho:

“E julgue-se agora se de preferência devemos louvar os tempos de Alexandre pela maneira valorosa como todo o mundo foi por ele conquistado ou se urge abominar esses tempos pelas ruínas causadas pela subversão do mundo inteiro” (Orósio, 1986, p.160-161).

Na HAP, o autor lista as guerras do passado, mostrando a insegurança em que se vivia. Mostra as vitórias romanas como sendo obtidas bastas vezes por traição e expedientes pouco gloriosos, sendo por isso um fraco motivo de orgulho. Numa das argumentações mais importantes, refuta os que acusam os cristãos de enfraquecerem o exército, opondo-se ao culto imperial e ao serviço militar. Mostra-nos um exército incapaz, sem precisar dos cristãos para tal. Numa ironia corrosiva, mostra o saque de Roma pelos Gauleses Sénones, no ano de 364 da fundação de Roma, numa poderosa analogia com o saque de 410, sugerindo que tal já havia sucedido e que os homens são responsáveis pelos seus actos. Acusa Alexandre de tirania ao matar Calístenes porque este não o saudara como um deus, sugerindo uma ligação do paganismo à tirania porque ao deificar uma pessoa, essa torna-se um tirano para quem não se lhe submete (Orósio, 1986, p.157).

Uma questão que se pode colocar é de um eventual patriotismo de PO, dado que proviria da Galécia. O grau de romanização do noroeste peninsular continua a ser uma das grandes discussões para o período tardo-antigo da Península Ibérica.¹⁸ Os historiadores dividem-se quanto à questão. Para uns o noroeste peninsular nunca foi devidamente romanizado, e as suas populações resistiram à romanização durante

¹⁸ DÍAZ, Pablo C.; BUEYES, Luis R. Menéndez- Romanos, visigodos e indígenas: las comunidades del norte de Hispania en los inicios de la Edad Media [cuarenta años después]. *Anejos de Nallos*. Oviedo: APIAA. ISSN 2341-3573. Nº3 (2016) p.161-189.

vários séculos. (Díaz; Bueyes, 2016) Alguns historiadores chegam a apontar este facto como a prova dos antigos traços identitários da nacionalidade galega, forjada na hostilidade à ocupação.¹⁹ Para outros, a questão não está ainda suficientemente estudada e as provas materiais são inconclusivas. (Díaz; Bueyes, 2016)

Esta questão é de facto complexa. As culturas pré-romanas que sobreviveram à romanização foram escassas, sendo que as manifestações dessa sobrevivência se deram sobretudo no folclore. A nível linguístico, com excepção do basco, o latim substituiu as línguas nativas. (Dumézil, 2016) Contudo, tal não significa excluir que os sentimentos étnicos não existissem e que não se manifestassem de várias formas. Assim como o arianismo foi, de certo modo e em certo momento, um factor identitário usado pelos povos germânicos para sobreviverem perante o fascínio de uma civilização tão sofisticada como a romana, não é errado colocar pelo menos a interrogação sobre uma potencial ligação de algumas adesões religiosas heréticas a certos fenómenos étnicos de sublevação.

A historiografia tende por vezes a sugerir que as heresias são movimentos de impacto residual, sendo restritas a líderes carismáticos que cativam apenas algumas margens da sociedade. Contudo, recorde-se por exemplo as descrições de Procópio de Cesareia²⁰ sobre as perseguições do imperador Justiniano às heresias no império bizantino, cerca de um século mais tarde da feitura da CI e da HAP. Aí Procópio de Cesareia descreve-nos as heresias como tendo larga aceitação em várias regiões do império do Oriente; como sendo dominantes em algumas elites económicas e políticas de Bizâncio; como a perseguição às heresias provocou um colapso económico na Bizâncio do século VI, porque as elites económicas, que em alguns casos detinham quantidades imensas de terra e riqueza, exilaram-se, implodindo o tecido económico do império. (Caesarea, 1966). É evidente que a situação do império do Oriente no século VI era diferente da do império do Ocidente no século IV. O primeiro foi sempre muito mais heterogéneo política, social e religiosamente que o segundo, mas o que nos importa para a questão aqui debatida é como estas descrições mostram como as heresias não foram sempre movimentos marginais. De recordar que o arianismo chegou a ser a religião oficial de alguns estados bárbaros.

Assim, falar de 'patriotismo' em PO é sempre um exercício arriscado, porque se entra num campo especulativo, que teria primeiro que resolver várias questões para se poder dar a resposta final. Existia ainda de forma vincada um sentimento étnico-nacional

¹⁹ Ver páginas 22 e 23.

²⁰ CAESAREA, Procopius – *The Secret History*. Middlesex: Penguin Books, 1966. Trad. G.A. Williamson. Ed. por Betty Radice e Robert Baldick.

nos povos ocupados pelo império, em pleno século V? M. Pereira²¹ alude para o século IV, a uma aristocracia indígena peninsular, promovida recentemente e pouco ligada à velha aristocracia senatorial. Fará PO parte dela? Esta aristocracia estaria muito próxima do campo e das suas raízes étnicas e, apesar de romanos culturalmente, eram etnicamente celtas e iberos. Quiçá daí provém a capacidade de PO ver ‘além’ do horizonte de Roma? Apenas podemos especular sobre isto, mas sem certezas.

A empatia de PO com os povos conquistados leva o autor a colocar, por sugestão, certas perguntas ao leitor. (Alberto; Furtado, 2000,p.63-65) Quais os benefícios das glórias imperiais? A vida era melhor na Roma pagã? O bem de uma nação faz-se à custa dos outros? Como terão visto os outros povos a conquista romana? Acaba a afirmar que se vive melhor em 416 do que no passado. PO tem uma visão triunfante do cristianismo, que nascera como uma fé perseguida pelos pagãos, e que assentava no martírio; mesmo com a repressão acabara a expandir-se. PO defende que o paganismo desapareceria por si, de forma lógica, pois estava já em crise e o cristianismo em expansão (Orósio,1986, p.301). Esta ideia é aliás corrente nos cristãos do século IV e V, após o Édito de Constantino.²²

À semelhança de HC, PO usa ao longo de toda a obra usa arquétipos literários como a simbologia bíblico-apocalíptica, para veicular uma ideia central: o poder de Deus e a convergência de tudo em Cristo. Os fenómenos são entendidos à luz divina, usando o maravilhoso para transmitir uma imagem. Tem capacidade de análise e reflexão, apontando as causas dos acontecimentos, como um historiador, o que lhe permite ter uma visão linear. Isto reflecte-se no seu pensamento. Ao dizer que os bárbaros são “bárbaros pela selvajaria”, revela, apesar do criticismo, a noção de que tal se devia ao comportamento, não à raça. Em PO, a *barbaridade* é um comportamento, não algo genético. Não há um bárbaro ‘genético’. Isto tem origens na visão greco-cristã de universalidade. Os casamentos mistos entre as elites romanas e germânicas mostra que para elas, romano é quem é culturalmente romano. Um godo cristão e culto não é, para PO, um bárbaro no sentido negativo. Ainda que o vocábulo seja usado para definir os povos germânicos, a romanidade e a barbaridade são conceitos fluídos, com certas linhas cinzentas. Há o *bárbaro* enquanto vocábulo que designa certos povos e há o vocábulo *bárbaro* como designação de um comportamento selvagem. Um romano pode actuar ‘barbaramente’ quando comete um crime. Os gregos chamavam a isto um *meio-bárbaro* e chamavam *meio-grego* a um bárbaro que actua como um grego. Os romanos

²¹ PEREIRA, Margarida Barahona S. E. - *Prisciliano e as tensões religiosas do século IV*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2002. ISBN 972-8397-29-1.

²² BROWN, Peter – *El primer milenio de la cristiandad occidental*. Barcelona: Crítica, 1996-1997. Trad. por Teófilo de Loyosa. p.41. ISBN 84-7423-828-5.

foram bárbaros até se aculturarem à Hélade. (Dumézil, 2016) Logo, bárbaro é um vocábulo complexo, sendo preciso definir o significado que PO lhe dá.

Em PO há uma hostilidade a romanos como Nero e por exemplo o elogio dos burgúndios. (Orósio,1986, p.422). Em suma, Roma vinha já formando a sua *koiné* romana cultural, não racial. O édito de 212 fora um sinal. A *koiné* orosiana é a cristandade, PO não faz a apologia de uma raça específica. Elogia a nobreza de Ataúlfo e o seu casamento com Gala Placídia, algo bom para o império segundo ele. Não se opõe às misturas raciais e a entrada destes povos acabará por ter um lado positivo por facilitar o conhecimento do cristianismo.

Às seitas é hostil, afirmando que vêm do demónio.

“ Por estes mesmos dias, Ario, presbítero...de Alexandria, desviou-se da verdade dafé católica e constituiu um dogma pernicioso para muitos. Quando já incitava à rebelião ...teve lugar em Niceia...um concílio com trezentos e dezoito bispos, que reconheceram o dogma ariano como pernicioso...” (Alberto; Furtado, 2000,p.157)

“...Atanarico... perseguiu com a maior crueldade os cristãos no interior do seu próprio povo...elevou à coroa do martírio um número incontável de bárbaros...Muitos deles...refugiaram-se em solo romano, não receosos...porque iam ao encontro de irmãos.” (Alberto: Furtado, 2000,p.165)

Neste último trecho vemos a diferença de PO para HC. A condição essencial para PO é ser cristão. Apelida os godos cristãos de “irmãos“ numa visão universalista. Equipara estes godos cristãos aos mártires cristãos iniciais, ícones do cristianismo.

Um aspecto importantíssimo da HAP é a descrição das causas da entrada dos bárbaros: a pressão hunã; a fome; a miséria; a ambição de alguns líderes. Refere que o arianismo godo se devera a Valente, que lhes enviara pregadores arianos. Os godos matarão Valente pelo fogo, com Orósio a usar uma imagem muito forte. Os godos matam Valente pelo fogo, porque por culpa deste arderiam no inferno. O fogo terreno que mata Valente antecipa o fogo eterno. Com isto, PO desculpabiliza o arianismo godo. (Alberto; Furtado,2000, p.171).

PO descreve como Teodósio derrota os bárbaros porque fora fiel a Deus. Critica que Saul, um bárbaro pagão, tenha a chefia dos exércitos de Roma. Saindo do seu registo mais equilibrado, PO descreve os citas como selvagens e sanguinários e Radagaiso, chefe bárbaro pagão, como brutal e selvagem (Orósio,1986, p.437-439) E dos vândalos dá esta descrição:

“O *comes* Estilicão, originário do povo cobarde, ganancioso, pérfido e traiçoeiro dos Vândalos, procurava por todos os meios, colocar no poder o seu filho Euquério...planeava perseguir os cristãos.” (Alberto; Furtado, 2000,p.189)

Ainda que as perseguições de Euquério aos cristãos sejam um dos motivos para atacar os vândalos, as suas descrições são muito negativas. Afirma que pelo grande número, os bárbaros seriam incontroláveis. Afirma que o saque de 410 se dá num contexto de blasfémia crescente. (Alberto; Furtado, 2000)

PO acrescenta que os bárbaros deixam o gládio e adoptam o arado; que certos romanos preferem uma liberdade curta com os bárbaros à fiscalidade romana. PO mostra que os bárbaros não são irracionais, mas têm a capacidade de pensar profundamente, como por exemplo Ataúlfo, que sonhava criar uma Gótia no lugar da România, restaurando as liberdades antigas da República. PO descreve que Ataúlfo acabaria morto por quem se opunha a isto, porque os bárbaros não estavam ainda preparados para tal projecto. (Alberto; Furtado, 2000.p.197-205).

Neufellen (2015) defende que PO tem má reputação nos meios académicos, porque é descrito como um autor superficial e parcial. Isto deve-se ao seu estilo apologético, que é visto como sendo contrário à actual postura que se entende que um historiador deve ter. Nessa onda de criticismo PO é descrito mesmo por alguns como sendo um autor de qualidade duvidosa. O optimismo orosiano em face da situação catastrófica que vivia o império romano é outra razão para o agastamento de alguns historiadores com PO. (Neufellen, 2015)

Neufellen (2015) defende que é preciso ter em conta que o optimismo orosiano, na altura em que é escrita a HAP, não é ilógico. O fim do império não era algo tido como certo. O historiador actual, que vê todos os acontecimentos da época como levando inexoravelmente ao fim do império, falha em entender que o contexto psicológico da era em que PO escreve é ainda de um optimismo justificado. Outros autores, além de PO, defendiam que o império era salvável. (Neufellen,2015) Aqui é preciso também entender um ponto essencial da teologia cristã: a visão paradoxal do martírio. O cristianismo tem uma visão paradoxal do triunfo, que assenta no martírio. Os cristãos tendem a crer que podem sofrer 'derrotas' temporárias mas que a verdade triunfará, numa visão linear da história. Este aspecto da teologia cristã não pode ser obscurecido quando se pensa no optimismo orosiano.

Neufellen (2015) defende que é preciso separar a história cristã da teologia e da exegese. São estilos literários de cariz distinto, mas que se tendem a confundir, devido à dificuldade de alguns historiadores em distinguir a história cristã da teologia. Neufellen (2015) defende que é preciso reavaliar PO, começando por estudá-lo como um autor literário, secundarizando as questões teológicas da sua obra. Segundo

Neufellen (2015) dado que a HAP é uma obra histórica, com uma narrativa subordinada a propósitos apologéticos, é difícil intuir as concepções teológicas de PO.

Concordo em absoluto com esta última asserção de Neufellen (2015). De facto não é possível intuir o pensamento teológico e político de PO a partir da HAP sem correr o risco de algumas extrapolações. Apenas podemos especular e indagar sobre o que seriam as concepções teológicas e políticas de PO. Veja-se um aspecto em particular. Durante toda a obra PO mostra uma empatia para com os povos ocupados pelo império. Esta empatia surpreende nomeadamente quem lê a HAP no século XXI, dada a imagem que se criou de que a crítica às violências imperiais é algo que apenas surge no século XX. A partir daqui debate-se sistematicamente se PO é a favor ou contra os bárbaros. E evidentemente qual o seu posicionamento político em relação ao império.

A verdade é que PO de certo modo omite o seu posicionamento sobre essa questão, porque em primeiro lugar não é esse o foco da HAP. Esta procura defender o cristianismo dos ataques pagãos. A HAP não é um tratado político. Não procura fazer a apologia do império ou de um sistema político em si. Tão pouco é uma obra de ataque à ordem imperial ou uma *kaiserkritik* a qualquer imperador. Para Signes Codoñer²³ uma *kaiserkritik* assenta em cinco técnicas: identificação de modelos políticos superiores ao modelo criticado; a crítica pelo silêncio; a crítica pelo sonho; a crítica por comentários explícitos; a crítica por intermédia pessoa. Isto não emerge em nenhum momento na HAP. Apesar da ironia corrosiva às violências imperiais e o elogio a certas qualidades dos bárbaros, em nenhum momento PO afirma que a monarquia de tipo germânico é melhor que a romana, nem tão pouco coloca na boca de terceiros elogios ao sistema político germânico, ou críticas à monarquia romana. Tal deve-se, na minha opinião, ao facto de que o verdadeiro 'sistema' que PO defende é a Igreja e o triunfo de Cristo, não especificando que tipo de sistema defende. O autor parece de certo modo desinteressado da questão sobre se o futuro do mundo deverá ser o império romano, uma Gótia, um império romano que una bárbaros e romanos ou qualquer outro sistema. Desde que seja um modelo cristão, é isso que parece importar a PO. A forma não lhe importa, importa-lhe o conteúdo.

Tentando interpretar estes 'silêncios' que PO deixa, é bom recordar que a República Romana e o posterior império romano, contiveram desde sempre uma linha de autores, dentro da aristocracia conservadora, que criticaram os abusos e violência do poder político e a supressão das tradicionais liberdades romanas.²⁴ Contudo, a crítica

²³ BÖRM, Henning - *Procopius, his predecessors, and the genesis of the Aneudocta*. In BÖRM, Henning - *Antimonarchic Discourse in Late Antique Historiography*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2015. ISBN 978-3-515-11095-2.p.306-346.

²⁴ BÖRM, Henning - *Antimonarchic discourse in Antiquity: a very short introduction*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2015. ISBN 978-3-515-11095-2. Cap.1.

deste grupo foi quase sempre no sentido de denunciar o cerceamento das liberdades tradicionais da República. Raras vezes se viu uma crítica às atrocidades romanas das conquistas imperiais. Na HAP, PO sugere por vezes que os romanos sofrem aquilo que fizeram no passado aos outros povos. Assim difere de HC na medida em que não tem o entusiasmo pelo império que este evidencia na CI. Mas também difere do grupo da aristocracia senatorial crítica do império, na medida em que não critica apenas a a usurpação do poder legítimo por um tirano qualquer, mas critica também a forma como o império tratou os povos conquistados. É aqui que, na minha opinião, radica a originalidade de PO em relação a boa parte dos autores da Antiguidade. Enquanto HC apenas destaca o colapso imperial e o sofrimento romano, PO vê a história num horizonte muito mais amplo, sendo capaz de ver que, se em 416 os romanos são atacados pelos bárbaros, a situação fora inversa no passado. Mesma na era medieval, poucos autores se debruçaram sobre a questão dos povos ocupados por Roma, exaltando sempre o império pela sua glória cultural e omitindo esta questão.

Para tal é preciso recordar que a crítica às atrocidades cometidas num dado momento, assim como o horror à guerra, foi um discurso sempre presente em alguns sectores da Igreja. Recorde-se o futuro exemplo dos jesuítas e dominicanos na questão indígena, salvaguardando as devidas diferenças entre os dois casos. A visão universalista de PO, alimentada pela fraternalidade da religião cristã, filia-o numa noção de irmandade humana que tem raízes no período helenístico e que reemergiu sempre em vários momentos da civilização ocidental, tais como o debate sobre os índios na era moderna ou a descolonização. (Dumézil, 2016).

3. A questão da imagem dos Bárbaros:

3.1. A evolução historiográfica da imagem dos Bárbaros:

A historiografia sobre os bárbaros conheceu 'modas' consoante as épocas. O Renascimento foi 'clássico-cêntrico', um pouco como HC, por isso hostilizou-os. Os humanistas, na mesma linha de HC, ao omitirem outras causas da decadência romana que não apenas as invasões, acabam por induzir-nos um colapso súbito do império. Tal evidencia como a omissão de certos detalhes acaba a 'falar' através do silêncio. Para o Renascimento, Roma era o epítome civilizacional e cai de forma inesperada, às mãos de uma horda selvagem.²⁵ Não se supõe uma decadência ou um colapso natural. Ao observarmos a decadência romana, não seria dispiciendo equacionar outro colapso diferente de 476: o desmembramento interno, com o regresso de certas realidades

²⁵ JOYE, Sylvie In DUMÉZIL, Bruno – *Les Barbares...* p.89.

nacionais pré-imperiais; a divisão do império por gerais; a divisão em pequenos reinos cristãos.

Culpar apenas os bárbaros foi sempre a acusação clássica, assentando no pressuposto de uma Roma gloriosa, colapsando inesperadamente. Ao omitir a decadência procura-se manter uma imagem imaculada de Roma, rejeitando qualquer teoria que culpasse esta pela sua própria queda. Por aqui vemos, como a focalização num só prisma da questão acaba por condicionar a visão que se tem de um dado problema. Se pegarmos nas descrições dos saques bárbaros, evidentemente apenas veremos um povo violento. Uma invasão nunca é um processo pacífico. Implica destruir e arrasar. Não é intrínseco aos bárbaros, é intrínseco a qualquer invasão. B. Ward-Perkins²⁶ aponta como um dos erros historiográficos das últimas décadas a negação de que o império caiu na sequência de uma invasão violenta. Tal se deve a uma tendência, sobretudo na historiografia dos EUA, de evitar qualquer teoria negativa sobre o fim do império.

O golpe de Odoacro foi o culminar de uma sucessão de invasões, agressões e pilhagens que culminaram no fim oficial do Império do Ocidente em 4/9/476. Ward-Perkins(2006) defende que o império poderia ter sobrevivido, se tivesse tido, quiçá, uma conjugação de sorte e forte liderança. A crise tardo-imperial do século IV no império do Ocidente e a crise do século VII em Bizâncio, ditaram a destruição do império quer na sua vertente ocidental, às mãos dos bárbaros, quer na sua vertente oriental, às mãos do Islão. Aponta como se tentou tirar da terminologia historiográfica vocábulos como “invasão”, “colapso”, substituindo-os por vocábulos como “transição” e “mudança”. Ward-Perkins(2006) critica estas posições por sugerirem que o fim do império foi como que uma conversa de amigos entre os bárbaros e os romanos. Aponta as novas investigações no campo da arqueologia (com um grande foco na questão das produções materiais económicas como a cerâmica) como provando um acentuado declínio cultural, económico e material do espaço pós-imperial a todos os níveis, nomeadamente a partir do século V e nos séculos subsequentes. (Ward-Perkins, 2006)

Ward-Perkins (2006) refere contudo que foi positiva a abertura à ideia de que o colapso imperial foi um processo mais longo e complexo do que a historiografia tradicional tendia a apontar até ao início do século XX. Essa noção abriu novas

²⁶ WARD-PERKINS, Bryan – An interview with Bryan Ward-Perkins on the fall of Rome. *Historically Speaking* [Em linha] vol.VII, nº IV, 2006. p.31. Disponível em : <<http://www.bu.edu/historic/hs/marchapril06.html#interview> >.

perspectivas historiográficas que permitiram estudar vários aspectos até então descurados na historiografia. (Ward-Perkins, 2006)

Isto remete-nos para um ponto fundamental da questão da estereotipização dos bárbaros: a sua instrumentalização para um conjunto de agendas diversas e até contraditórias entre si. Os bárbaros aparecem-nos como selvagens quando se quer apresentar um colapso inexplicável e fulminante de uma civilização, como por vezes o Renascimento sugeriu. Ou aparecem-nos como épicos guerreiros e exemplos da raça alemã quando certo romantismo alemão alinha pelo nacionalismo pangermânico emergente no século XIX. Esse alinhamento levará a uma certa tentativa de apagar as heranças latinas na germanidade e por arrasto a um certo anti-cristianismo, visto que se conota o cristianismo com a romanização. A Reforma Protestante romantizou os bárbaros como resistentes à romanização, conotada com o catolicismo, representado pelo papado odiado pelos reformadores. (Joye, 2016)

O equívoco destas estereotipizações extremas está, como correctamente afirma Ward-Perkins(2006), em querer apenas apontar uma situação possível: ou se destaca os *foedus* pacíficos com o império, ou uma ocupação violenta do império.

Eu acrescentaria que a partir daqui se comete o erro de cair em falácias e induções erradas. Ao descrever os bárbaros no momento em que invadem, apenas como invasores, sem outra descrição de qualquer tipo, HC sugere-nos um povo incapaz de algo mais que destruir. Este simplismo leva a conclusões redutoras. Podia-se fazer o mesmo mas invertendo e descrevendo os romanos na destruição de Cartago e decerto só veríamos um povo violento. Se não falássemos dos romanos senão como invasores e não citássemos os seus expoentes culturais, como Séneca ou Virgílio, a arquitectura e Direito romano, que imagem faríamos de Roma?

Nenhum povo foi totalmente pacífico durante a sua história, nem totalmente violento. Um outro erro é observar algumas entradas pacíficas dos bárbaros no império (em alguns casos migrações ou alianças militares com o império) e a partir daqui traçar um quadro idílico das relações romano-germânicas, imaginando que em 4/9/476 se deu uma amena cavaqueira entre ambos os povos. O fim do império romano foi provocado por uma invasão, com tudo o que isso implica de destruição e atrocidades. Em qualquer relato pode sempre haver uma tendência para o exagero, porque bastas vezes o que importa não é a verdade do facto x na data y mas uma mensagem que se quer veicular. Há que também ter em conta que um relato se baseia, não raro, em fontes orais, sempre propensas a rumores, exageros e deturpações. Mas uma invasão decerto não é um

processo pacífico. Logo, HC pode ter exagerado algumas descrições, mas não inventou uma invasão do império. Esta foi um facto.

PO ao desligar-se da invasão em si e procurar defender a Igreja, acaba a afastar-se desta tensão entre a *romanidade* e *bárbaridade*, focando-se na defesa do triunfo de Cristo. PO mostra os bárbaros como humanos. Não omite as suas atrocidades, mas coloca-as dentro de uma visão histórica. Elas não diferem das atrocidades dos Gauleses Sénones em Roma ou das atrocidades romanas em Cartago. Mostra-nos os bárbaros em toda a sua dimensão. São excelentes guerreiros e ourives. Há desde chefes cruéis e chefes nobres como Ataúlfo. E chefes romanos cujo único móbil é a ambição. O império romano nasceu assente na ocupação de outros povos, tinha vícios imorais e perseguira os cristãos no passado. Os romanos mostram tudo o que é o ser humano: capaz do melhor e do pior. Os bárbaros o mesmo.

Os bárbaros serão, na Idade Média, os novos romanos e a Cristandade o novo império. A concepção optimista e universal de PO antecipa isto. Os bárbaros acabam a preservar a cultura e língua romana, que será agora a língua litúrgica e a língua franca da cultura. O corpo físico de Roma desaparece, mas o seu melhor preserva-se. São os bárbaros e a Igreja quem o faz. A Igreja filiar-se-á na concepção de PO. Até ao século XVII, esta concepção é a base da historiografia cristã.

Na Hélade clássica o vocábulo *bárbaro* passará à cultura ocidental. A partir de então, a dicotomia *bárbaro* e *grego* torna-se um aspecto crucial na identidade helénica. Esta dicotomia passará à restante cultura ocidental. Nesta aparente dicotomia há também um fascínio e curiosidade pelo 'outro'. (Dumézil, 2016). Usa-se por vezes o 'outro' para criticar a sua sociedade, uma técnica que ecoará mais tarde em Montaigne ou Montesquieu (Lerouge-Cohen, 2016). Tácito (55-120) é um exemplo, quando descreve os germânicos. Elogia aspectos da sua cultura, como a castidade, no que é mais uma crítica à Roma libertina do seu tempo, do que a procura de uma descrição exacta dos bárbaros.²⁷ As suas descrições irão perdurar, marcando a visão sobre estes povos quando eles entram no império. Contudo, estes bárbaros, após uma longa romanização, são diferentes dos descritos por Tácito. A imagem de Tácito perdura contudo, misturando-se a imagem dos bárbaros não-romanizados que Tácito conheceu com a dos bárbaros parcialmente romanizados e cristianizados do século IV.

No helenismo emerge um relativismo em que se entende que o 'outro' é apenas aquilo que nos é diferente, com a *barbaridade* sendo algo relativo para cada povo. Em Eurípedes vê-se esse relativismo, colocando-nos nas *Troianas*²⁸, pelo boca de Hécuba,

²⁷ TÁCITO, P.C. — *A Germânia*. [s.l.]: Nova Vega, 2011. ISBN: 9789726999140.

²⁸ EURÍPIDES - *Les troyennes. Iphigénie en Tauride. Électre*. 8e tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1982. p.40. ISBN 2-225-00123-9.

uma acusação à crueldade grega, simbolizada em Ulisses, acusado de ser um ser “abominável”.

Dumézil (2016) destaca a politização imperial dos estereótipos, sugerindo uma coincidência entre as primeiras perseguições no império e o início da pressão bárbara. Os cristãos, acusados de desrespeitarem o império, e os maniqueus, conotados com o rival persa, são atacados por isso mesmo. Procura-se esmagar qualquer ‘desvio’ para arregimentar a sociedade internamente.

A politização dos estereótipos sobre os bárbaros vê-se na abordagem à ideia do 4/9/476 como uma ruptura. Conforme o ‘interesse’ nacional, o colapso imperial é entendido de forma diferente. Na Alemanha desvaloriza-se o colapso de Roma para valorizar o período germânico da Antiguidade. A periodização para o período pós-imperial é uma questão em aberto, o que só por si revela noções apriorísticas. Marrou²⁹ destaca a noção de Antiguidade Tardia, para descrever o período pós-imperial, que considera rico culturalmente, criticando a noção decadentista criada. A noção de ruptura fora criada no Renascimento por Bruni e Biondi que queriam entender como é que a cultura fora tão longamente interrompida (Marrou,1979).

Na era medieval os bárbaros são recuperados. O novo bárbaro é o pagão, o *rusticus* supersticioso e os povos do *limes*. Os merovíngios usarão isto para justificar as suas campanhas nos ducados fronteiriços. A barbárie é a era pré-cristã. As nações são cristãs em potência e evoluem para a conversão final. Bizâncio mantém sobre os bárbaros uma posição ambígua, alternando a hostilidade à abertura. Isto deve-se ao facto de que, em parte, a religião é em Bizâncio um factor de separação mais forte que no Ocidente. O facto de os bárbaros serem pagãos ou arianos era um problema mais grave em Bizâncio. (Dumézil, 2016)

Os descobrimentos colocam os índios como o novo exemplo do ‘outro’ e lançam o debate sobre os povos primitivos. Montaigne ataca a designação de bárbaros aos índios, considerando que tal conceito é relativo. Elogia os índios para criticar a sua própria cultura. Já no século XVIII, em plena Revolução Francesa a instrumentalização destes estereótipos atinge um auge. A direita e esquerda bifurcam-se ideologicamente. Uma direita considera os bárbaros como conquistadores e a origem da nobreza que submeteu as populações galo-romanas. A nobreza reivindica uma liberdade originária na monarquia electiva franca, para se opor ao absolutismo régio. Outra direita afasta-se da aristocracia e foca a evangelização de França e a coloca a sua origem na fusão entre os galo-romanos e os francos. É uma direita cristã, que foca a Igreja como o cerne da sociedade. Por seu turno, uma esquerda glorifica o Terceiro Estado pela sua origem

²⁹ MARROU, Henri-Irénée – *Decadência romana ou antiguidade tardia?* Lisboa: Editorial Aster, 1979.

bárbara, atacando o absolutismo, contrário às noções bárbaras de eleição régia. Tal é o caso de Mably, que associa os Estados-Gerais à assembleia franca (Joye,2016). Outra esquerda foca a origem bárbara da nobreza que, pela conquista, submeteu ilegitimamente o povo.

No século XVIII emerge também o ataque ao cristianismo como o destruidor do império. A obra de Gibbon³⁰ é o maior exemplo deste ataque. Para Gibbon (1993), a evangelização do império foi o triunfo da religião e barbárie. Devido a esta tendência, os historiadores cristãos tratam a questão do colapso imperial com cuidado. Contudo, as posições historiográficas não são estanques, cruzando-se bastas vezes ideias e campos historiográficos.

O Romantismo terá uma relação ambígua com os bárbaros: admira-os ou hostiliza-os. Alguns românticos apontam-lhes uma natureza bucólica; Michelet, por seu turno, exalta a mulher bárbara. Os românticos estudam estes povos, muitas vezes em ligação com agendas nacionalistas. A historiografia espanhola é disso um bom exemplo. Apenas recentemente se interessou pelo reino suevo, que vira sempre como algo periférico e sem relevância na história de Espanha.³¹ Os visigodos foram sempre o grande foco desta historiografia, porque eram vistos como os fundadores de Espanha. A valorização do reino suevo dar-se-á, paralelamente, com os nacionalistas galegos inseridos no romantismo do século XIX. (Díaz, 2011) Alguns historiadores galegos chegarão a apontar o fenómeno priscilianista como a expressão de uma identidade específica da Galécia. Outros autores, ainda na linha do nacionalismo galego, interpretarão de forma oposta este fenómeno. López Pereira defenderá a rejeição do priscilianismo como parte de uma luta da Galécia contra o reino suevo, luta essa da qual HC faria parte. A historiografia portuguesa, nomeadamente no século XIX, valorizou apenas o legado suevo na medida em que tal diferenciava Portugal de Espanha, que usava o passado visigodo para legitimar a união ibérica sob a égide de Castela. (Díaz, 2011)

Estas visões distintas, nomeadamente por parte de autores que pertencem ao mesmo espectro ideológico (no caso do nacionalismo galego), mostram como a mesma realidade pode ser vista de forma diametralmente oposta por várias pessoas. E talvez mostre como o estudo da temática dos povos bárbaros continua a estar muito marcado

³⁰ GIBBON, Edward - *The decline and fall of the roman empire*. 4th print .Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993. ISBN 0-85229-531-6.

³¹ DÍAZ, Pablo C. – *El reino suevo (411-585)*. Madrid: Akal, 2011. p.6-7. ISBN 978-84-460-2850-5.

por agendas políticas, o que pode impedir por vezes um estudo desapassionado da questão.

No século XIX, a França procura desligar-se da sua germanidade franca, para afirmar os gauleses como os seus ancestrais, movida pela crescente rivalidade franco-alemã. Na Alemanha surge o conceito de *volk*, a ideia da origem germânica dos bárbaros. Isto ecoará no nazismo, que instrumentalizará esta questão. Estas ideias serão revistas no pós-II Guerra, descartando-se a ideia de raça. Passa-se a falar de comunidades linguísticas latas, valorizando-se os contributos bárbaros para a Europa. Passa-se a atribuir todo o tipo de ideias contraditórias aos bárbaros. Discutem-se as noções de invasão e migração dos bárbaros. Emerge a noção de antiguidade tardia e de um fim imperial mais complexo e lento. Nos anos 1990 questiona-se, por exemplo, o conceito de godo, afirmando que significava não uma etnia, mas um súbdito do reino godo. A cultura de massas dos séculos XX e XXI usará os *clichés* sobre os bárbaros, difundindo-os agora por milhões de pessoas. Paralelamente, emerge a isto a noção do *bom selvagem*, uma espécie de contra-cultura à modernidade única e negativa. (Joye, 2016)

Nos anos de 1990 tende-se a romantizar os bárbaros, apontando as suas descrições em textos como a CI ou a HAP, como provas da intolerância católica à diferença. Isto emerge num contexto de descristianização da Europa nos finais do século XX. Contudo esta romantização omite bastas vezes o facto de que os bárbaros se revelaram também intolerantes com as populações não-germânicas e não-arianas, quando conquistavam o poder. E.A. Thompson³² refere por exemplo que Alarico, rei godo, aboliu as leis romanas que permitiam a um judeu converso regressar ao judaísmo sem problemas. O anti-semitismo no reino visigodo foi uma realidade que durou até à invasão islâmica de 711.³³ Victor de Tununa³⁴ descreve as perseguições que os vândalos arianos fazem contra a população católica do Norte de África romano que eles

³² THOMPSON, E.A. – *Los godos en España*. Madrid: Alianza Editorial, 1971. p.68-69.

³³ Marques, A.H (dir.); SERRÃO, Joel (dir.) – *Portugal das invasões germânicas à "reconquista"*. Lisboa: Editorial Presença, 1993. Vol.2. ISBN 972-23-1719-9.

³⁴ TUNUNA, Victor – *The memorable and tragical history, of the persecution in Africke: vnder Gensericke and Hunricke, Arrian kinges of the Vandals. Written in Latin by the blessed Bishop Victor of Vtica, who personallie (as also S. Augustine the famous doctor) endured his part thereof. With a briefe accomplishment of the same history, out of best authors: together vvith the life and acts of the holy Bishop Fulgentius, and his conflicts vvith the same nation.* [Em linha]. Oxford: Early English Books Online: Text Creation Partnership, [s.d.]. Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?c=eebo;idno=A14395.0001.001>>.

ocuparam. L. Ciliers aponta a invasão vândala como o primeiro golpe na florescente África romana.³⁵

Nos anos de 1990-2000, 'redescobre-se' a mulher bárbara, até então sempre omitida ou, surgindo como vítima das conquistas bárbaras. Inicialmente esta imagem é uma continuação da imagem bárbara masculina: violenta, selvagem. Depois emerge uma imagem positiva, como a personagem *Red Sonja*, representada como uma guerreira atraente e corajosa. Isto coincide com o feminismo emergente e, com uma ideia em voga no mundo académico, que existiria um matriarcado germânico por contraponto a uma cristianização machista. Para Joye (2016) a ideia de matriarcado germânico não tem base factual, mas a ideia populariza-se. Séries como *Xena* exploram a imagem da mulher estrangeira, corajosa, guerreira e a série *Vikings* em 2013, representa guerreiras germânicas pagãs a atacar os reinos anglo-saxões cristãos (Joye,2016).

Conclusão:

Uma das conclusões é que não há uma visão monolítica sobre a diferença no século V. Tão pouco há um só discurso na Igreja sobre estas questões.

Apesar de usar arquétipos do seu tempo, PO não é um escritor 'padronizado' ou um 'escriba' que se limita a debitar uma versão pré-aprovada da Igreja. Para fazer a apologia do cristianismo ter-lhe-ia bastado ter escrito um texto coerente, onde abordasse as catástrofes romanas passadas, a corrupção, as derrotas vexatórias e os vícios imorais da era pagã. Contudo, o tempo que PO despende a expor os crimes cometidos por Roma contra os povos que ocupa, a sua compaixão por eles, é algo que aparentemente 'excede' esse mesmo objectivo. Para atacar o paganismo, não precisava de referir as atrocidades romanas do passado em tão grande detalhe. Para fazer uma poderosa apologética cristã ter-lhe-ia bastado mencionar: a decadência pagã; a perda de crenças do paganismo; o aumento exponencial do cristianismo nos séculos II e III; alguns episódios edificantes do cristianismo; alguns pormenores vergonhosos da história romana pagã. Contudo, sai em defesa dos povos ocupados pelo império,

³⁵ CILIERIS, Louise – Some thoughts on the demise of Roman influence in North Africa, 5th/ 6th century AD. *Akroterion*. Vol.52 (2007) p.37-48. Ainda que a autora defenda que a conquista bizantina do Norte de África, no século VI, tenha causado mais destruição física e material nesta região que a invasão vândala do século V, aponta que a grande causa para o declínio cultural e a posterior destruição total da cultura romana nesta região (que fora das áreas mais romanizadas do império) se deveu ao exílio das elites culturais romanas aquando da invasão vândala e posteriormente da invasão islâmica do século VII. Apesar da destruição material que as campanhas de Belisário fizeram, teria sido possível segundo a autora, recuperar a cultura material se as elites que a produziam não se tivessem exilado. Para a autora, mais lesivo do que a destruição material provocada pelos vândalos e árabes, foi a fuga das elites, devido às perseguições e violência constante.

quando não tinha que o fazer e sem que se vislumbre porque o faria numa obra de cariz apologético cristão.

Isto aponta que PO tinha uma visão própria da situação, que queria legar à posteridade. Essa visão destoa de boa parte dos autores da antiguidade e da era medieval e é nesse ponto que PO se constituiu como um autor original. Penso que este tópico merece uma reflexão maior do que apenas uma abordagem tradicional aos aspectos literários e teológicos de PO.

Em contraste, HC tem uma obra mais inserida num padrão clássico da literatura cronística. A sua ideologia é similar à dos escritores do grupo aristocrático romano, do qual fazia parte, tendo HC uma visão marcadamente romano-cêntrica. A CI é, apesar do estilo lacónico, uma crónica crucial para reconstruir os acontecimentos no império no século V.

A diferença de concepções antropológicas, históricas e teológicas entre PO e HC mostra-nos que na própria Igreja não havia uma visão única sobre o império, o seu possível fim e os bárbaros. Recordando que eram homens em tudo similares, na proveniência, na contemporaneidade, na pertença à Igreja e no grupo social, as suas diferenças mostram-nos uma diversidade de pensamento na Igreja, que é por vezes pouco referida. A ideia que a Igreja era pró-romana deve ser tida com cuidado quando lemos PO e temos em conta a sua enorme influência no pensamento futuro desta. A Igreja absorveu o legado de Roma mas não se atou a ele. Além do que a Igreja, para a sua própria sobrevivência, não podia excluir nenhum cenário. Não podia depender totalmente de um império que dava já nos séculos IV sinais claros de decadência, mas tão pouco podia excluir a hipótese de o império sobreviver e, através dos seus vastíssimos recursos, ser uma excelente ferramenta de expansão do cristianismo. Assim, a Igreja, preocupou-se em boa medida, em defender a salvação e preservação da Cristandade, sem se preocupar com uma realidade política específica. À semelhança de PO, o que importa é o triunfo de Cristo, que se podia fazer tanto com os bárbaros como com Roma.

Penso que este tema é algo secundarizado na reflexão historiográfica, tendendo-se muito a tentar 'encaixar' a posição da Igreja em posições estanques historiográficas: ora a Igreja é pró-romana ou pró-bárbara. Não se assume que a questão se pode revestir de uma complexidade maior do que à partida possa parecer e que a Igreja tem a sua própria visão e aspirações e que não tem de ser um mero apêndice imperial.

Do ponto de vista historiográfico, há ainda várias áreas negligenciadas no estudo. Os povos que compunham o império romano eram cidadãos romanos por lei mas tinham uma ascendência étnica distinta. Dei-me conta que sobre este tema há poucos estudos e a historiografia pouco foca estes temas. Como se de certo modo, se partisse do

pressuposto que existia apenas a dualidade ‘romanos’ versus ‘bárbaros’, quando os povos do império podiam ser tão hostis a Roma como os bárbaros. A própria cultura *mainstream* foca apenas os bárbaros e pouco destaque dá aos povos do império, com a exceção parcial dos gauleses e celtas. (Joye,2016). Quiçá devido à sua ligação com o mundo anglo-saxónico que domina hegemonicamente a cultura mediática.

A instrumentalização dos povos bárbaros para diversas agendas constitui em boa medida um grande desafio sobre o tema, aliado a problemas crónicos sobre esta questão como a escassez de fontes materiais e escritas abundantes e disponíveis a um público mais vasto.